

UM TOQUE DE AMOR AO CORPO MORTO: O SENTIDO E O SIGNIFICADO DO TRABALHO PARA TANATOPRAXISTAS E NECROMAQUIADORES

A TOUCH OF LOVE TO THE DEAD BODY: THE MEANING AND MEANING OF WORK FOR THANATOPRAXISTS AND NECROMAKEUP ARTISTS

Josefa Eucliza Casado Freires da Silva
Enfermeira. Universidade Federal de Campina Grande/UFCG/CES
E-mail: euclisa14@gmail.com

Glenda Agra
Enfermeira. Doutora. Universidade Federal de Campina Grande/UFCG/CES
E-mail: g.agra@yahoo.com.br

Tatiana Barbieri Santana
Enfermeira. Especialista. AmorTser
E-mail: barbieritatiana@gmail.com

Elicarlos Marques Nunes
Enfermeiro. Doutor. Universidade Federal de Campina Grande/UFCG/CES
E-mail: elicarlosnunes@yahoo.com.br

Alyne Mendonça Saraiva Nagashima
Enfermeira. Doutora. Universidade Federal de Campina Grande/UFCG/CES
E-mail: alynnems@hotmail.com

Edmundo de Oliveira Gaudêncio
Médico. Doutor. Universidade Federal de Campina Grande/UFCG/CES
E-mail: edmundogaudencio@hotmail.com

Resumo:

O tanatopraxista e o necromaquiador são considerados agentes funerários, cujas atribuições estão relacionadas à preparação dos cadáveres com o objetivo de retardar os efeitos da putrefação e tornar o mais agradável possível a estética do corpo morto. O objetivo deste estudo é investigar o sentido e o significado do processo de trabalho para tanatopraxistas e necromaquiadores. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de caráter qualitativa, que foi realizada com treze tanatopraxistas. A partir dos discursos dos participantes foi possível construir cinco categorias temáticas, a saber: 1) Percepção da morte; 2) Percepção do ser-tanatopraxista; 3) Emocionando-se com a profissão; 4) Dificuldades laborais e 5) Aprendendo com a profissão. A partir da análise dos dados, evidenciou-se que os tanatopraxistas e necromaquiadores atribuem sentido e significado ao seu trabalho, mesmo diante de experiências de sofrimento, discriminação e estigma, o que é possível por meio de estratégias defensivas e respeito aos mortos e aos vivos. Esse processo possibilita que se mantenham engajados e sintam-se reconhecidos, aspecto fundamental para a saúde mental. O estudo é relevante, uma vez que trouxe à tona o processo de trabalho, vivências e dificuldades de tanatopraxistas e necromaquiadores, a fim de que possam ser desmistificados muitos preconceitos socialmente construídos.

Palavras-chave: Trabalhador. Morte. Cemitério.

Abstract:

The thanatopraxist and the necromakeup artist are considered funerary agents, whose attributions are related to the preparation of cadavers in order to delay the effects of putrefaction and make the aesthetics of the dead body as pleasant as possible. The objective of this study is to investigate the sense and meaning of the work process for thanatopraxists and necromakeup artists. It is an exploratory research, of a qualitative nature, which was carried out with 13 thanatopraxists. From the speeches of the participants it was possible to construct five thematic categories, namely: 1) Perception of death; 2) Perception of being-thanatopraxist; 3) Getting excited about the profession; 4) Labor difficulties and 5) Learning from the profession. From the analysis of the data, it was evident that thanatopraxists and necro-makeup artists attribute meaning and meaning to their work, even in the face of experiences of suffering, discrimination and stigma, which is possible through defensive strategies and respect for the dead and the living. This process allows them to remain engaged and feel recognized, a fundamental aspect for mental health. The study is relevant, since it brought to light the work process, experiences and difficulties of thanatopraxists and necro-makeup artists, so that many socially constructed prejudices can be demystified.

Key words: Worker. Death. Cemetery.

1. INTRODUÇÃO

Falar sobre a morte geralmente implica desconforto, porque soa como se fosse um convite às pessoas pensarem sobre suas vidas, quem são e como são constituídas. O fato de ter a consciência da finitude possibilita a elas atribuir maior sentido à vida e ao tempo que ainda têm tempo para aproveitá-la de forma plena. Porém, estar ciente desta condição pode ser muito angustiante e paralisar o sujeito diante da reflexão da sua própria existência (CÂMARA, 2011).

A relação da morte com o ser humano na cultura Ocidental Cristã pode ser classificada em três dimensões: a relação do sujeito com a própria finitude; a reação do sujeito com o traspasse de outra pessoa (por exemplo, familiares e amigos) e, por fim, a relação dos vivos com o símbolo da morte, ou seja, o cadáver (ARIÈS, 1981). Por este motivo, se faz necessário compreender o impacto e as repercussões da morte nos vivos.

A morte é um fenômeno que repercute em algumas práticas laborais, que demonstram uma possível mercantilização, numa perspectiva sociológica, sobretudo no que se refere aos mecanismos racionais e afetivos que influenciam não somente à dimensão religiosa, mas também à dimensão socioeconômica relativa à própria morte e ao corpo (ARAÚJO, 2012; MELO, 2016).

O cadáver, símbolo da morte, passa a ser cada vez mais objeto de desconforto e, ainda que a necessidade o ser humano que vive sob a concepção judaico cristã de se despedir do ente por meio dos rituais fúnebres do seu corpo continue relativamente constante, passa a existir um esforço no sentido de tirar do cadáver os elementos que fazem dele, ora, um cadáver (BARBOSA, 2017).

É a partir deste momento, que o tanatopraxista e o necromaquiador se configuram como protagonistas do processo de embalsamamento e necromaquiagem do cadáver, com o objetivo de retardar os efeitos da putrefação e tornar o mais agradável possível a estética do corpo morto (BARBOSA, 2017).

Câmara (2011) ressalta que as profissões que lidam diretamente com a morte acabam por se tornar um grande tabu, pois denunciam a negação da morte, sobretudo, o agente funerário, que constitui um ofício que impõe a este trabalhador tocar a morte em sua concretude, posto que seu principal objeto de trabalho é o cadáver.

Os serviços de tanatopraxia e necromaquiagem exercidos pelos agentes funerários são direcionados especificamente ao cadáver, e, por esse motivo, são profissionais que sofrem muito preconceito e estigma social, além de não serem valorizados no aspecto pessoal e financeiro, pois a sociedade não entende como esses trabalhadores podem suportar esse tipo de manuseio e como podem ser capazes de trabalhar diretamente com um cadáver (CÂMARA, 2011).

Devido às dificuldades ora apresentadas, acredita-se que os tanatopraxistas e necromaquiadores têm alto risco de adoecimento e esgotamento físico e mental (KOVÁCS; VAICIUNAS; ALVES, 2014). Entretanto, percebe-se que o reconhecimento e agradecimento dos familiares aos agentes, permitem que esses trabalhadores encontrem sentido e significado na tarefa de cuidar do corpo morto (CÂMARA, 2011).

Frente a esta discussão, uma busca realizada em periódicos bilíngues indexados em bases de dados e bibliotecas científicas on-line, utilizando-se as palavras-chaves “tanatopraxistas”; “necromaquiadores”; “agentes funerários”; “vivências” e “experiências” conectadas estrategicamente com os operadores booleanos AND, OR e AND NOT, encontraram-se poucos estudos sobre o sentido e significado do processo de trabalho para os tanatopraxistas e necromaquiadores.

Com base nesta problemática, lançou-se a seguinte questão norteadora da pesquisa: qual o sentido e significado do processo de trabalho de tanatopraxistas e necromaquiadores? A fim de responder à questão norteadora, o objetivo desta pesquisa foi investigar o sentido e o significado do processo de trabalho para tanatopraxistas e necromaquiadores.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa realizada com tanatopraxistas e/ou necromaquiadores, com formação pela Associação Brasileira de Tanatopraxistas e Tanatologia (ABT), por meio da *internet* utilizando o *Google Meet* para os encontros virtuais.

Para selecionar a amostra de participantes para este estudo, foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: mulheres e/ou homens com idade igual ou maior que 18 anos, que exercessem atividades tanatopraxistas e/ou necromaquiadores e que se formaram pela Associação Brasileira de Tanatopraxistas e Tanatologia; e, como critérios de exclusão, tanatopraxistas e/ou necromaquiadores que estivessem afastados por licença saúde e/ou outro motivo relacionado ao trabalho. A busca por esses profissionais deu-se a partir de um contato prévio com o Presidente da ABT, que cedeu uma lista de contatos telefônicos e e-mails de ex-alunos. Além dos critérios de inclusão e exclusão, a amostra final foi pelo critério de saturação, uma vez que a análise de dados aconteceu no mesmo período da coleta (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008).

Foi utilizado um formulário semiestruturado baseado no estudo de Câmara (2011), composto por dados sociodemográficos e perguntas subjetivas relacionadas às vivências dos tanatopraxistas e necromaquiadores, que visassem atender aos objetivos do estudo e que serviram de norte para uma entrevista.

A coleta de dados aconteceu durante entre o período de maio a agosto de 2022. Primeiramente, a pesquisadora principal apresentou o projeto e objetivos da pesquisa ao Presidente da Associação Brasileira de Tanatopraxistas e Tanatologia, que, posteriormente, disponibilizou uma lista com nomes, contatos telefônicos dos profissionais (*WhatsApp*) e endereço eletrônico. Logo

após, a pesquisadora entrou em contato com os profissionais, explicou os objetivos da pesquisa, fez o convite, e, mediante a resposta positiva, agendou dia e horário para a entrevista. As entrevistas duraram cerca de 30 minutos, ocorreram em uma sala virtual, por meio do *Google Meet* e foram gravadas com o auxílio do *Software Apowersoft*. Ao final de toda coleta, as entrevistas foram transcritas e validadas pelos participantes.

Para categorizar os dados foi adotada a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), que é compreendida por três etapas: pré-análise (organização do material e sistematização das ideias); descrição analítica (categorização dos dados em unidades de registros) e interpretação referencial (tratamento dos dados e interpretações). A análise de dados foi realizada à luz de pensadores e filósofos da Antropologia do Cuidar.

Todos os aspectos éticos foram obedecidos conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (BRASIL, 2012); as recomendações publicadas pelo Ofício curricular de nº2 de 24 de fevereiro de 2021, destinado às pesquisas realizadas em âmbito virtual (BRASIL, 2021) e a Resolução nº 564/2017 do Conselho Federal de Enfermagem, que trata da reformulação do Código de Ética Profissional (COFEN, 2017). O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos com parecer nº 5.439.220 e CAAE nº 57814122.8.0000.0154. Como forma de garantir à privacidade, os participantes da pesquisa foram denominados por nome de pintores, os quais serão escolhidos por eles mesmos (por exemplo: *Tarsila do Amaral*, *Salvador Dalí*, *Vicent Van Gogh* dentre outros).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa treze profissionais que atuam na área da tanatopraxia e necromaquiagem em diversos estados brasileiros, sendo nove mulheres e quatro homens, com idade entre 25 e 54 anos (média de 39 anos). Quanto ao estado civil, seis informaram serem casadas; quatro, solteiros; dois, em união estável, e, um, divorciado. No que se refere aos aspectos educacionais, 11 apresentam o ensino médio completo e dois, o ensino superior completo. Em

relação à experiência profissional, a média foi de seis anos de ocupação. Em relação à religião, cinco declararam serem católicos; três informaram não ter religião; dois, evangélicos; um, espírita; um, pagão e outro informou acreditar em Deus.

3.2. APRESENTANDO AS CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS

Categoria Temática 1 - Percepção da morte

A morte integra o desenvolvimento humano no seu ciclo vital, é uma realidade e, por mais que se tente abstraí-la e torná-la distante, ela estará presente algum dia na vida de todos. Acompanhar a morte de outrem traz à consciência de sua própria condição de mortalidade (PETERS *et al.*, 2013), tal como se observa nos discursos dos participantes da pesquisa.

A morte é um momento [...] onde todo mundo vai passar por isso [...] não têm escapatória; é um momento da vida da gente; um momento final. **Michelangelo.**

A morte faz parte do ciclo da vida. Eu acho a morte muito bonita[...] não diferencia pobre de rico; vem para todo mundo; é uma coisa natural. **Renoir.**

De acordo com os depoimentos, observa-se que os participantes da pesquisa compreendem a morte como etapa e certeza da vida, bem como momento final do ciclo da vida; mencionam características inerentes à morte, tal como o princípio da universalidade, quando referem que a morte “*vem para todo mundo*” e “*a gente não tem escapatória*”. Tais discursos mostram que os participantes enfatizam além da universalidade da morte, salientam a dimensão física associada à expressão da existência humana, quando ressaltam que “*a morte é um momento final*”.

Do ponto de vista da dimensão biofísica, o corpo é a condição necessária para a existência, e, é por meio dele que o ser humano se comunica com os outros e com o mundo. O corpo é o que torna possível a morte física. Ele é o meio para expressões de fala, de gestos, de olhares, de posturas. O corpo possibilita a realização de atividades, de estar no mundo, de poder encontrar outros corpos, formando uma grande teia relacional. Sem o corpo, não se pode manifestar a existência física, biológica, material. A vida material se encerra, portanto, com a morte do corpo físico (SILVA, 2021).

Os depoimentos também trazem a marca da dimensão social da morte incorporada no discurso da universalidade, como destacado por **Renoir** quando referiu que a morte “*não diferencia pobre do rico*”. Nessa perspectiva, Souza *et al.* (2001) ressalta que o corpo carrega em si a marca da vida social, expressando a preocupação da sociedade em imprimir nele algumas transformações que escolhe de um repertório cujos limites virtuais não se podem definir. É como uma massa de modelagem onde a sociedade imprime formas de acordo com suas próprias disposições, projetando a fisionomia do seu próprio espírito. O corpo significa ao mesmo tempo a vida e a morte, o normal e o patológico, o sagrado e o profano, o puro e o impuro (COMBINATO; QUEIROZ, 2006).

Subcategoria 2 – A morte como passagem para a eternidade

Existem outras formas de concepção da morte, que vão além da morte física. Essas concepções podem estar relacionadas a valores, significados, crenças culturais e religiosas. Dentro da perspectiva religiosa, existem vários conceitos de morte, que vão desde à vida eterna à reencarnação (CÂMERA; BASSANI, 2019). Alguns participantes mencionaram a percepção de morte a partir de suas práticas religiosas, como se pode observar nos depoimentos.

A morte [...] é uma passagem [...] para a eternidade. **Anita Malfatti.**

A morte [...] é um novo recomeço [...] porque quando você morre não sente mais dor. A morte é descanso [...] é também um recomeço [...] você vai viver para a eternidade e não vai precisar trabalhar, nem comer, nem beber, porque o corpo se acaba, mas o espírito permanece. **Da Vinci.**

Nessa subcategoria, observa-se que os participantes compreendem a morte como descanso, passagem para a eternidade e/ou um recomeço. Também associam à morte como final da vida material, quando destacam que o “*espírito permanece*”. Além disso, associam a morte com o princípio da irreversibilidade, quando mencionam que a pessoa quando morre “*não sente mais dor; não vai precisar trabalhar, nem comer, nem beber, porque o corpo se acaba*”. Acredita-se que essa percepção da morte esteja relacionada com as crenças cristãs mencionadas pela maioria dos participantes da pesquisa.

Para as religiões que se embasam no Cristianismo, a morte não significa o fim da vida, mas o momento que antecede o julgamento feito por Deus, conforme a vida que cada um levou enquanto esteve na carne, ou seja, no corpo físico (BIBLÍA SAGRADA, 2022).

Na Bíblia Sagrada (2022), encontra-se mencionada em muitos trechos bíblicos a ressurreição para a vida. Para tanto, a condição é de que sejam seguidos os preceitos ensinados por Jesus e, posteriormente, reforçados por seus discípulos. Portanto, a vida eterna dá-se por meio da ressurreição do corpo espiritual, que tem características contrárias ao corpo físico que é corruptível, fraco e animal.

Categoria Temática 2 – Percepção do ser-tanatopraxista

É através da prática funerária que o profissional pode ter consciência de sua própria finitude de forma mais concreta, ponderando questões da sua própria morte (SOUZA; PRETTO, 2021). Nesse sentido, olhar para o cadáver nada mais é do que projetar-se, ou seja, olhar para seu próprio corpo, que, um dia, estará destituído de vida.

Subcategoria 1 – Ter respeito pelos mortos

O tratamento designado ao cadáver é resultado de uma sensibilidade formada por diversos pensamentos de representações culturais alusivas à vida e à morte. Nesse sentido, por ser um símbolo, a representação cultural desse corpo sem vida não se limita apenas à sua condição orgânica, mas também às respostas emocionais e subjetivas (TALAMONI, 2012), tais como podem ser observadas nos depoimentos dos participantes da pesquisa.

Ter respeito, hombridade, carinho, humanidade em trabalhar com esta profissão.
Vermeer

O que me levou a trabalhar como tanatopraxista foi a oportunidade de oferecer mais dignidade ao ente querido que morre *Monet*.

De acordo com os discursos, os participantes destacam que ser-tanatopraxista é um ato de amor e carinho para com o corpo sem vida, pois acreditam que é uma profissão peculiar, tendo em vista todos os aspectos fisiopatológicos do estado cadavérico.

Além disso, para os participantes o ser-tanatopraxista está pautado no exercício do respeito e da ética, visto que são princípios fundamentais da dignidade humana mesmo após a morte. Tal premissa pode ser validada pelo discurso de *Monet*.

Outro aspecto relevante observado nos discursos dos tanatopraxistas está relacionado à solidariedade – talvez cristã – para com o corpo sem vida, que fica à mercê dos vivos, e, que por este motivo, deve ser honrado e respeitado, pois aquele corpo teve uma biografia de vida. E uma vez realizando o seu trabalho dentro dos preceitos éticos, os tanatopraxistas experimentam um sentimento de elevação emocional, como pode ser observado na fala de *Vermeer*.

Conforme Sartre (2015), o homem se constitui a partir de suas relações sociais, logo, seu trabalho tem importante papel na sua vida. Inserido em determinada realidade antropológica e sociológica, o sujeito é lançado a pensar, agir e escolher, e é essa condição que define seu projeto-de-ser. Desse modo, infere-se que o trabalho do tanatopraxista se torna parte importante de seu projeto-de-ser, já que, ao escolher essa ocupação, acaba não apenas produzindo uma ação dirigida à coletividade social, mas também escolhe a si mesmo (SOUZA; PRETTO, 2021).

Na visão sartreana, a constituição do sujeito é compreendida a partir do modo como este vive sua existência. Sartre (2015) descreve o sujeito como um ser dotado de um corpo e uma consciência que o possibilita relacionar-se com o mundo. É através dessa relação que se pode compreender o sujeito como um ser-no-mundo, quer dizer, o corpo é situado em uma determinada realidade antropológica e sociológica, na qual o sujeito é “lançado” a viver sua existência.

Schneider (2011), ao falar da relação do sujeito com o próprio corpo, discorre sobre a noção de corpo-para-outro, o corpo que aparece nas relações, mas que não é apenas um corpo. Esse corpo é sempre considerado como inserido numa determinada realidade, temporalidade e situação.

Isso indica que o corpo do outro é sempre significativo, remete a um sentido que o transcende, ou seja, ao se deparar com o corpo morto, os participantes da pesquisa os identificam como seres semelhantes a si mesmos, ou seja, corpos como os deles mesmos, que um dia estiveram vivos e, que, como eles, que estão vivos, mas, que vão morrer, precisam ser cuidados com respeito e dignidade, tal como se observa nos depoimentos de *Monet* e *Vermeer*.

Subcategoria 2 – Ter empatia e compaixão com os vivos

O trabalho do tanatopraxista é atravessado diariamente pela questão da perda e pelo sofrimento das famílias, que chegam às funerárias inconformadas com as mortes de seus entes queridos para a contratação do serviço funerário (SOUZA; PRETO, 2021). A partir desse contexto, os participantes da pesquisa agem empática e compassivamente com os familiares, por meio dos cuidados com o corpo, tal como podem ser observados nos depoimentos.

Ser tanatopraxista é uma questão de servir ao próximo. A prática do tanato em conjunto com a necromaquiagem [...] preparam o corpo de uma forma que [...] a família venha se sentir mais tranquila com o ente querido [...] que está indo embora [...]. É a possibilidade de tu fazer parte [...] da despedida das pessoas com seus entes queridos e tu [...] tornar essa despedida [...] mais acolhedora [...] menos sofrida [...] mais digna. *Van Gogh*.

Deus me deu essa missão e eu quero partir daqui para outra deixando o meu legado [...] nós somos [...] as pessoas enviadas para contribuir com o alívio da dor da família perante a perda de um ente querido, nós somos os responsáveis diretos por amenizar, pelo menos, essa dor. É uma responsabilidade muito grande, mas nós temos a consciência que podemos, em muitas situações, conseguir amenizar essa dor e [...] isso, para mim, é muito gratificante. *Tarsila do Amaral*.

De acordo com os depoimentos, observa-se que os tanatopraxistas percebem que sua ocupação profissional vai além de um exercício laboral; enxergam-na como um dom ou uma missão, vinculado à empatia para com os familiares, tal como afirma *Tarsila do Amaral*.

Nesse sentido, Flores e Moura (2018) destacam que uma parte importante do trabalho do tanatopraxista é caracterizada pelo cuidado do outro que perpassa várias etapas do seu fazer. Esse cuidado está relacionado ao processo de tanatopraxia e tanatoestética, ou seja, dispensar cuidados com o cadáver na tentativa de aproximar a cor e a aparência do corpo vivo, visando uma melhor apresentação.

Esses cuidados são norteados pelo saber-fazer da profissão, mas, também são norteados pela empatia dos tanatopraxistas pelo sofrimento dos familiares, como pode ser visto no depoimento de *Van Gogh*.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que a empatia é uma disposição humana que antes cognoscente, é intuitiva, em que o ser humano identifica o outro intuitivamente e tem acesso à

vivência do outro não em seu conteúdo, mas em sua capacidade de vivenciar que é humana como a dele (ALVES *et al.*, 2018).

A empatia fornece a possibilidade de agir eticamente, de cuidar da vida humana que se encontra ferida, ao mesmo tempo em que se pode perceber a intensidade dos sentimentos das pessoas como alegres ou tristes, com saúde ou enfermo. Diante de tal percepção, os sujeitos podem analisar todas as razões favoráveis e contrárias de suas ações em vista de um bem maior, que é a humanidade: agir de maneira responsável e cuidadosa, ou ser indiferente ao que acontece. Poder-se-ia dizer que a empatia possibilita pensar a ética, por mais que não se viva as injustiças que os outros sofrem, porque pode-se compreender o quanto estão feridas a dignidade e a integridade desses seres humanos (ALVES *et al.*, 2018).

Categoria Temática 3 – Emocionando-se com a profissão

Quando se pensa o trabalho nos dias atuais, percebe-se o quanto esse passou a se relacionar com questões que vão além da busca salarial ou simplesmente do ato de trabalhar. Existe uma compensação social no trabalho que possibilita ao sujeito reconhecimento, gratificações, sentimento de pertencimento a grupos e a direitos sociais. O trabalho possui função psíquica, sendo considerado um dos grandes alicerces da constituição da identidade e subjetividade do sujeito, bem como sua rede de significados (LANCMAN; GHIRARDI, 2002).

Subcategoria 1 – Reconhecimento da família diante do trabalho realizado

Para Dejours; Abdoucheli; Javet (1994), o trabalho não é apenas um teatro aberto ao investimento subjetivo, ele é também um espaço de construção do sentido, em que o trabalhador conquista a sua identidade, um espaço de continuidade, da historicização do sujeito.

O que mais me emociona é quando eu realizo um trabalho que me dedico muito. Às vezes, chegam corpos dilacerados, com grandes traumas [...], aí me debruço, dou o máximo de mim, para que aquela pessoa tenha a aparência mais próxima possível de antes. Quando eu recebo [...] ligações de familiares agradecendo o trabalho. *Klimt.*

O que emociona a gente é depois de um serviço realizado [...], a família vem e diz para você assim “muito obrigado, você deixou a minha mãe igualzinha como ela era, você fez um milagre”. Isso é muito emocionante [...], mexe muito com o ego

da gente. É emocionante quando as pessoas vêm te agradecer num momento de tanta dor, pelo seu trabalho. *Picasso*.

Analisando os depoimentos dos participantes, pode-se ressaltar que suas vivências de prazer são fortemente relacionadas ao processo de preparação do corpo e ao atendimento dos familiares. Ambas as atribuições evidenciam aquilo que se pode considerar a verdadeira essência do ofício deste profissional, um fazer que envolve o cuidado com o outro. Esse cuidado de que se fala vai desde a preparação do corpo falecido até o atendimento aos familiares, onde é possibilitado um reconhecimento do seu trabalho.

Atualmente, os tanatopraxistas, diante do trabalho tão mobilizador – o corpo morto – encontram-se diante da necessidade de objetivar, naturalizar e até despersonalizar esse corpo para dar conta de seu trabalho. Contudo, seu objetivo inclui também higienizar, arrumar e dar ao cadáver características de vida, ou seja, amenizar as feições da morte (CÂMARA, 2011), como pode ser observado no relato de *Klimt*.

Nesse contexto, higienizar, fazer a barba, arrumar o cabelo, cortar as unhas, vestir, maquiar e aplicar formol são algumas ações possíveis para deixar o corpo morto não ser apenas um cadáver para família, mas alguém que ainda reconhece como um membro seu (CÂMARA, 2011), tal como refere *Picasso* em seu depoimento.

Além do respeito ao morto, observa-se o respeito à família e a preocupação em atender às expectativas de devolver a essa o corpo de seu familiar a ser sepultado. É evidente o quanto se sentem gratificados diante dos agradecimentos dos familiares, tal como é visto na fala de *Picasso*.

Nessa perspectiva, acredita-se o motivo pelo qual move os participantes no empenho da preparação do cadáver assemelhando-o às características de vivo é a preocupação com os familiares, de uma forma que estes possam reconhecê-lo. Tal fenômeno faz parte da re-humanização do corpo morto, no sentido de embelezar, de tentar trazer de volta um pouco do semblante perdido, do significado daquele que não é apenas um cadáver, mas o corpo de alguém amado (CÂMARA, 2011).

Categoria Temática 4 – Dificuldades laborais

De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações, o tanatopraxista está incluído na categoria profissional de agente funerário (CBO 5165-05) e em sua descrição sumária de atividades destaca que o tanatopraxista prepara cadáveres em urnas e os ornamentam; executam a conservação de cadáveres por meio de técnicas de tanatopraxia ou embalsamamento, substituindo fluidos naturais por líquidos conservantes, e, embelezam cadáveres aplicando cosméticos específicos (BRASIL, 2002).

Por estarem inseridos no contexto de trabalhos diretamente relacionados com a morte, os tanatopraxistas apresentam dificuldades e entraves profissionais, dentre eles a discriminação e o estigma.

Subcategoria 1 - Discriminação e estigma social

Cuidar do corpo morto, embelezando-o, buscando re-humanizá-lo, é uma atividade que leva aos tanatopraxistas a entrar em contato com todo o preconceito e discriminação diante da profissão que denuncia o que não se quer entrar em contato, a morte (CÂMARA, 2011), tal como pode ser visto nos depoimentos a seguir.

Na minha cidade, as pessoas falam que eu sou a mulher do caixão, a mulher da funerária. Quando eu digo o que faço, sinto que as pessoas têm repulsa. A sociedade quer ser bem tratada quando perde seu ente querido, mas vê a gente como se fosse a pior coisa, como uma sujeira, como um nada. Aí, às vezes, a gente se sente mal por isso. *Picasso*.

Muitas vezes, tem a discriminação. Eu deixei de frequentar muito lugar, como festa de família. A família fazia às escondidas para eu não ir, por causa do meu trabalho. Ainda existe muita discriminação. *Munck*

Atrapalha um pouco. Tem muita gente que discrimina. Tem amigo meu mesmo que, às vezes, até se afasta de mim, porque você trabalha com defunto, trabalha com a morte. *Portinari*

De acordo com os discursos, os participantes mencionam a discriminação e o estigma como uma das dificuldades enfrentadas no contexto laboral. Referem que o estigma impacta na vida diária e social, uma vez que observam o distanciamento de familiares e amigos na vida diária e em ocasiões comemorativas. Além disso, ressaltam que se sentem mal quando são rotulados por

apelidos depreciativos e quando percebem a repulsa e o desprezo da sociedade diante do trabalho executado, como é visto no depoimento de *Picasso*

Segundo Goffman (1988), o termo estigma é um atributo depreciativo, deteriorado, uma marca ou sinal que uma pessoa tenha e que conseqüentemente a faça ser vista pela sociedade como diferente, incapaz e desvalorizada perante as pessoas normais e comuns. Nesse sentido, há atributos que são considerados comuns e naturais, sendo esses necessários para que as pessoas façam parte de um grupo, e aquelas que não possuem esses atributos passam a ser questionadas e a sofrer preconceitos por parte da sociedade.

No que diz respeito ao trabalho exercido pelos tanatopraxistas, o conceito de “trabalho sujo”, traduzido do inglês “*dirty work*” descreve de forma efetiva uma das singularidades que envolvem essa profissão tão relevante, mas, ao mesmo tempo, sujeita à estigmatização. O conceito de trabalho sujo baseia-se no modo em que certas profissões lidam com resíduos, lixo, fluidos corporais, dejetos ou restos mortais. Pauta-se em trabalhos com pouco ou nenhum prestígio social e sem visibilidade, e mesmo quando a tem, ocorre a partir de uma visão negativa (TEODORO, 2021).

Hughes (1958) foi o responsável por elucidar o termo “*dirty work*” (trabalho sujo), como algo repulsivo e permeado de estigma. Segundo Bendassolli e Falcão (2013) o termo para compará-lo a profissões tidas como degradantes ou que provocam de alguma forma enojamento e repulsa nas pessoas. Além destas concepções, os trabalhos sujos também são vistos como insuportáveis e/ou vergonhosos de acordo com a natureza da profissão e sua finalidade.

Subcategoria 2 – Desvalorização profissional

É necessário destacar que, a mesma sociedade criadora dos trabalhos tidos como sujos a partir de suas demandas é aquela que priva esses profissionais do convívio social, os estigmatizam, os recriminam e também não reconhecem o valor da profissão, tal como se observa nos depoimentos dos participantes.

Eu acho que a profissão precisa ser mais valorizada, ser reconhecida. *Anita Malfati.*

Ter condições de trabalho melhor, ter uma estrutura física compatível, a gente ser melhor remunerado, ter uma regulamentação da nossa especialidade e adicional noturno. *Tarsila do Amaral.*

Os participantes mencionam que a falta da regulamentação da especialidade em tanatopraxia, o não reconhecimento pela sociedade, as más condições de trabalho (incluindo riscos físicos, químicos, biológicos e condições de higiene do ambiente e segurança) e as baixas remunerações (falta de um piso salarial e de insalubridade) concorrem para a desvalorização profissional.

Isso ocorre, principalmente, pela divisão social em “bom trabalho/mau trabalho”, em que, o tanatopraxista, por exemplo, tido como um trabalhador sujo, se enquadraria no último. Conforme Bendassolli e Falcão (2013), existe uma associação do mau trabalho a profissões de alto risco, mal remuneradas e com uma difícil ascensão na carreira.

Para compreender melhor como o trabalho sujo interfere na construção do sujeito, enquanto um ser psicossocial, repleto de particularidades, é necessário expor os aspectos psicossociais intrínsecos nessas profissões, dentre eles: o reconhecimento da profissão; a vivência psicológica e emocional do trabalho; a legalidade do emprego perante a sociedade; o fato de quanto a profissão é desejável, ou seja, como é a representação desta na sociedade, muitas vezes influenciada pelos riscos que trazem à saúde, como é o caso dos coveiros; e as circunstâncias específicas em que se encontra o sujeito nesse tipo de trabalho. Em todas essas dimensões, percebe-se que o trabalhador necessita desenvolver um ‘poder de suportar’, no sentido de meramente aguentar a solidão, frieza e ausência de perspectiva de sua atividade de trabalho em consequência, principalmente do isolamento que ele gera e de sua precariedade” (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013).

A morte causa pavor, sofrimento e aversão por parte da sociedade, sendo exaustivo lidar com o sofrimento que ela traz aos vivos. Por isso, quem trabalha com ela também tem de lidar com a má impressão tida pela sociedade, principalmente, quando se considera o termo “sujo”, segundo Hughes (1958), envolvido, também, aos aspectos de desgaste físico, psicológico, baixa remuneração, ausência de higiene do local de trabalho e do trabalhador ao executar sua atividade profissional, condições insalubres, degradantes, trabalho pesado, cansativo, com horário de trabalho exaustivo, entre outras características similares.

Se faz necessário reconhecer o exercício da profissão não só do tanatopraxista, mas de todos os profissionais que trabalham com a morte, porque “todo o processo de construção da identidade dos sujeitos acontece por meio da identificação com o outro, seja por intermédio de grupos aos quais pertence ou da sociedade em geral” (MONTEIRO *et al.*, 2017, p. 80).

Subcategoria 3 – Procedimentos técnicos

De acordo com Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), a organização do trabalho pode ser considerada uma relação social que passa por compromissos e negociações, sendo fundamentalmente evolutiva, ou seja, é sobredeterminada pela qualidade da comunicação intersubjetiva, que ultrapassa os imperativos da divisão técnica do trabalho. Se, por um lado, as condições de trabalho atuam no nível do corpo, a organização do trabalho relaciona-se, especificamente, ao funcionamento psíquico.

É a partir da organização do trabalho, que os participantes mencionam dificuldades relacionadas ao cuidado do cadáver, sobretudo, no início da profissão.

A dificuldade é quando a família [...] quer ver o rosto, que ver a aparência e não tem condições. **Monet.**

No começo eu tinha algumas dificuldades, mas hoje, eu não tenho mais. Era muito difícil no tamponamento do corpo, porque eu tinha medo de pegar a pinça para poder fazer o tamponamento, com medo de machucar; eu ficava meio receoso, com medo. **Portinari.**

Com base nos depoimentos, os tanatopraxistas mencionam dificuldades relacionadas aos procedimentos técnicos no cuidado com o cadáver, entre eles, a reconstrução do corpo, sobretudo do rosto quando deveras mutilado, o que impossibilita a visualização pela família. Aqui, parece que **Monet** se preocupa, na verdade, não com o procedimento em si, mas com os familiares, que não conseguirão se despedir adequadamente do ente querido, uma vez que não conseguirão visualizar, acariciar e até mesmo beijar a face, que é, *a priori*, a verdadeira manifestação da identidade do ente querido.

Além disso, ressaltaram que as primeiras vivências na profissão foram impactantes, uma vez que não tinham experiência em saber lidar com os instrumentais usados no tamponamento, o que gerava receio e medo de ‘machucar’ o corpo. Nesse caso, acredita-se que **Portinari** refere-se

lesionar mais ainda o cadáver. Infere-se por meio dessa fala que o tanatopraxista se norteia em seu processo de trabalho pelo princípio primeiro da ética para com o cadáver, o respeito.

Também enfatizam que os impactos com a visualização e odores do corpo em decomposição acontecem somente no início das atividades laborais, e, que, com o passar do tempo, se habitua com todo o processo.

A etapa da preparação do corpo exige do tanatopraxista um manuseio bastante direto com o seu objeto de trabalho: o corpo morto. Primeiramente, o corpo é colocado sob uma mesa de material inoxidável, onde os tanatopraxistas fazem a higienização externa, dando o banho com jatos de duchas, secando o corpo e os cabelos. O passo seguinte é direcionado para a execução de um procedimento mais técnico no processo de preparação, através da técnica de tanatopraxia, sendo este um conhecimento bem específico obtido por meio de uma formação técnica voltada aos profissionais que a executam. Ao final do processo da tanatopraxia, são feitos os tamponamentos, onde é preciso obstruir todos os orifícios do corpo com o intuito de evitar a saída de fluidos ou gases (FLORES; MOURA, 2018).

Também existe um cuidado com a parte estética, em que utilizam maquiagens específicas para cadáveres, as chamadas necromaquiagens. Também pintam as unhas, arrumam os cabelos, perfumam, etc. Os tanatopraxistas trabalham também com produtos específicos para a reconstrução de determinadas partes do corpo, dependendo do seu estado. Comumente, a reconstrução é direcionada à face e às mãos, que são as partes mais expostas durante o velório (FLORES; MOURA, 2018).

Tratando-se das vestimentas, os tanatopraxistas sugerem que os familiares tragam roupas que não deixem a pessoa falecida muito exposta, sendo esta uma medida importante caso esteja muito machucada, ou com curativos. Por fim, é feito o processo de ornamentação com o corpo já dentro do caixão, onde colocam flores, almofadas, véus, deixando tudo pronto para levar à capela (FLORES; MOURA, 2018).

Observando todas as especificidades que envolvem o ofício do agente funerário, percebe-se que sua rotina de trabalho é permeada pela apropriação de muitos saberes, muitas vezes, além do que está necessariamente prescrito, sendo estes construídos pelo próprio trabalhador, que precisa

estar por dentro de questões burocráticas, elaborar os rituais, trabalhar com o cuidado do outro (FLORES; MOURA, 2018).

Categoria Temática 5 – Aprendendo com a profissão

Elias (2001) considera que não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos. Para o autor, a morte é um dos grandes problemas biossociais na vida humana, uma vez que é empurrada mais e mais para os bastidores da vida social.

É a partir do contato direto com a morte, que os participantes refletem sobre a impermanência da vida.

Subcategoria 1 – A impermanência da vida

Por mais reações negativas que se possa ter com a morte, ela mantém presença nas reflexões e, por que não dizer, na busca de sentido para a vida. Ao falar da morte é necessária atenção (KOVÁCS, 2021), já que existe a morte final de vida e as tantas mortes que se vivencia no processo evolutivo. Ou ainda, o que a experiência com a morte e o morrer deixa impregnada em cada ser humano e que será responsável pela interpretação e vivências com as outras tantas mortes (CHAGAS; ABRAHÃO, 2017)

Trabalhando com a morte, os participantes da pesquisa deparam-se com questões que continuam sendo marginalizadas pela sociedade que resiste à reflexão sobre a finitude humana. Pensar sobre a morte do outro provoca um desdobramento praticamente incontrolável sobre a sua própria condição de ser finito. Os depoimentos a seguir constataam tal fato.

Eu aprendi a [...] valorizar muito mais [...] as pequenas coisas [...] os pequenos momentos [...] valorizar as pessoas que eu amo [...] os momentos em família. **Anita Malfati.**

Aprendi a ter respeito mais pelo outro [...] ter paciência [...] amar mais [...] aproveitar mais. **Leonardo da Vinci**

Mudou muita coisa, mudou a forma de ver a vida, de viver. Hoje em dia eu vivo intensamente, eu não perco meu tempo para nada. Quando eu estou de folga eu estou com minha família [...] vou passear, viver intensamente, porque todo dia eu vejo pessoas que deixaram de viver por causa de dinheiro [...] de carro [...] aí, morre e fica tudo aí. **Munck**

Eu apreendi [...]que o nosso corpo físico aqui na Terra não é nada [...] devemos cuidar dele com zelo, manter a saúde, ter uma boa alimentação, cuidar da nossa saúde, mas [...] quando a gente vai chegando a uma certa idade, o corpo vai ficando doente [...] ele se deteriora [...] ele termina, ele tem um fim. **Vermeer.**

Imersos no trabalho com a morte, os participantes refletem sobre sua própria morte, suas fragilidades, vulnerabilidades, sua inserção profissional e no mundo. Produzem um novo sentido para a vida, e tratam a morte como um movimento natural da vida. Recriam a intensa experimentação da existência de vida no território da morte.

Para Frankl (2011), o sentido da vida é diferente para todos os homens e pode ser específico em cada momento da existência. O papel da responsabilidade do homem sobre o sentido da vida aponta que o homem só responde à vida à medida em que se vê responsável por suas próprias escolhas.

Diante dessa concepção, Frankl (2011) propõe quatro fatores que podem auxiliar uma pessoa a encontrar o sentido de sua vida. São eles: *a valorização do que é importante para a pessoa*, ou seja, aquilo que teve significado durante a vida, desde os pequenos até os grandes eventos; *as escolhas* – a pessoa é responsável por cada escolha que faz ao longo da vida, inclusive diante das situações adversas. O sofrimento é uma grande oportunidade de crescimento pessoal, que, no entanto, depende de como a pessoa o enfrenta. Ela pode sucumbir à dor ou extrair ensinamentos da situação difícil; *responsabilidade* por tudo o que a pessoa faz, pelas escolhas e decisões e *significado imediato* – dar sentido às coisas que acontecem na vida diária, tanto as experiências positivas quanto as negativas.

Frankl (2011) também ressalta que o sentido da vida é passível de modificações, mas nunca deixa de existir. Nesse sentido, o autor destaca que existem três valores que são significativos para uma vida com sentido. São eles: *valor criativo* – produzir algo significativo, fazer uma boa ação; *valor vivencial* – vivenciar, experimentar aquilo que a pessoa recebe do mundo, que pode estar relacionado às experiências de trocas afetivas ou mesmo interagindo com os objetos do mundo. O sentido pode ser encontrado em uma experiência independente de qualquer ação, e um único momento de experiência intensa pode prover significado para a vida toda e *valor atitudinal* – transformar uma tragédia pessoal em triunfo, ou seja, buscar lições de crescimento pessoal nos momentos difíceis.

A partir da leitura das ideias de Frankl (2011), pode-se observar que os participantes encontraram e/ou resgataram o sentido da vida a partir das experiências vivenciadas no mundo da tanatopraxia.

Nesse contexto, *Anita Malfati* encontra sentido na vida a partir da **valorização do que é importante para ela**, ou seja, o **valor** da vida está na **vivência** das trocas afetivas com seus familiares nos momentos em que compartilham juntos.

Já *Leonardo da Vinci* menciona que a partir do trabalho como tanatopraxista aprendeu “*a ter respeito mais pelo outro [...], ter paciência*”. Aqui, observa-se o **valor criativo** a partir da **escolha** em mudar de atitude frente às adversidades da vida para consigo e para com o outro.

O sentido da vida para *Vermeer* está relacionado à **responsabilidade** com a saúde física, pois acredita que o corpo experimentará as adversidades do envelhecimento, e, com ele, o aparecimento de doenças, o desgaste físico e a morte. Por isso, o **valor atitudinal** no zelo com o corpo.

Para *Munck* o **valor** da vida está voltado para **vivenciar** o ser em detrimento do ter e tem **significado imediato**, tal como se observa em seu discurso.

Em suma, o sentido da existência para os tanatopraxistas – e para todos os seres humanos - encontra-se na tomada de consciência da transitoriedade da vida e da finitude que constitui o ser humano, que permite reorganizar e ressignificar as experiências.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou uma aproximação com a morte, e, conseqüentemente, com a vida, bem como a compreensão do sentido e do significado do trabalho para tanatopraxistas.

A partir da análise dos dados, foi possível observar que os tanatopraxistas compreendem a morte como etapa e certeza da vida, bem como momento final do ciclo da vida, mas também compreendem a morte como descanso, passagem para a eternidade e/ou um recomeço.

Além disso, evidenciou-se que os participantes acreditam que ser-tanatopraxista é um ato de amor e carinho para com o corpo sem vida, pois consideram a profissão peculiar, tendo em vista todos os aspectos fisiopatológicos do estado cadavérico. Ao mesmo tempo, executam o trabalho à luz dos princípios éticos, respeitando a dignidade da pessoa mesmo após a morte.

Foi possível constatar que os tanatopraxistas percebem que sua ocupação profissional vai além de um exercício laboral, uma vez que a enxergam como um dom ou uma missão, vinculado à empatia para com os familiares e com os cadáveres. A empatia permeia as vivências de prazer e de dor, haja vista que, sentem prazer ao preparar o corpo para os familiares, e, dor, pois sentem compaixão para com os familiares diante da perda de um ente querido. Na esfera do prazer, pode-se observar o reconhecimento pelos familiares do trabalho realizado com ética, respeito e afeto.

O estudo também revelou dificuldades na atividade laboral dos tanatopraxistas. Dentre eles, a discriminação e o estigma, que impactam na vida diária e social, uma vez que ocasionam distanciamento familiar e de amigos na vida diária e em ocasiões comemorativas. Além disso, acarretam mal-estar diante de apelidos depreciativos e condutas de repulsa e desprezo da sociedade diante do trabalho executado.

Outra dificuldade encontrada foi a falta da regulamentação da especialidade em tanatopraxia, o não reconhecimento pela sociedade, as más condições de trabalho (incluindo riscos físicos, químicos, biológicos e condições de higiene do ambiente e segurança) e as baixas remunerações (falta de um piso salarial e de insalubridade), que concorrem para a desvalorização profissional.

Além disso, outro entrave observado na atividade laboral dos tanatopraxistas está relacionado à reconstrução da face do cadáver, quando deveras mutilado, o que impossibilita a visualização pela família. Mais uma vez a empatia pelos familiares mostra-se evidente no processo de cuidar dos mortos e dos vivos.

Por último, foi possível observar que imersos no trabalho com a morte, os tanatopraxistas refletem sobre sua própria morte, suas fragilidades, vulnerabilidades, sua inserção profissional e no mundo. Produzem um novo sentido para a vida, e tratam a morte como um movimento natural da vida. Recriam a intensa experimentação da existência de vida no território da morte.

A dificuldade encontrada durante a pesquisa esteve relacionada ao acesso aos participantes da pesquisa, que se encontravam ocupados, devido à carga horária de trabalho longa e exaustiva. Outra limitação foi a quantidade exígua de estudos indexados nacionalmente realizados com o público-alvo, mostrando um déficit de pesquisas com profissionais que trabalham no entorno da morte, sobretudo tanatopraxistas e necromaquiadores.

Acredita-se que este estudo seja relevante, uma vez que trouxe à tona o processo de trabalho, vivências e dificuldades de tanatopraxistas e necromaquiadores, a fim de que possam ser desmistificados muitos preconceitos socialmente construídos, de modo que esses profissionais sejam tratados com mais empatia, tal como fazem diante dos mortos e dos vivos. Além disso, este estudo também pode ser usado como referencial teórico na tentativa da Associação Brasileira de Tanatopraxistas regulamentar a profissão, e, com isso, conseguir maior valorização profissional da categoria (com piso salarial, melhores condições de trabalho) e espaços reservados para a saúde mental.

Sugere-se a Associação Brasileira de Tanatopraxistas amplie a divulgação da entidade por meio de cursos de curta duração, *workshops*, visitas técnicas à funerárias, simpósios e congressos, a fim de aproximar a sociedade e diminuir o estigma relacionado ao trabalho dos tanatopraxistas.

Assim como os demais trabalhadores que exercem atividades laborais no entorno da morte, esses profissionais merecem ser alvo de maior atenção em estudos que visem à sua saúde mental enquanto trabalhador.

REFERÊNCIAS

ALVES, V. H. *et al.* Cuidado ético do outro: contribuições de Edith Stein e Max Sheler. **Rev. Esc. Anna Nery**. v.22, n.2, e20170382, 2018.

ARAÚJO, R. B. A mercantilização da morte na sociedade de consumo. **Habitus**. v.10, n.2, p.341-53, 2012.

ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TANATOPRAXISTAS E TANATOLOGIA. Disponível em: abt@tanatopraxia.org.br. Acesso em: 10 out. 2022.

BARBOSA, M. D. **Da morte & do pão: uma série de reportagens**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Jornalismo. Departamento de Comunicação Social. Universidade Estadual Paulista. Bauru: São Paulo, 2017.

BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 2011.

BENDASSOLLI, P. F; FALCÃO, J. T. R. Psicologia social do trabalho sujo: revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia nos contextos de trabalho. **Univ. psychol.**, v. 12, n. 4, p. 1153- 66, 2013. Disponível em:

BÍBLIA SAGRADA. 1ª edição. Ecclesiae Vaticano Igreja catolica, 2022. 2096 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012.** Ministério da Saúde. 2012.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações 2002.** Brasília: MTE, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Ofício curricular de nº 2 de 24 de fevereiro de 2021.** 2021.

CÂMARA, C. M. C. **Os agentes funerários e a morte: o cuidado presente diante da vida ausente.** [dissertação]. Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

CAMARA, S. L.; BASSANI, M. A. Estudos em psicologia sobre morte, luto, religião e espiritualidade: uma revisão da literatura brasileira. Bol. - **Acad. Paul. Psicol.** v.39, n.96, p. 129-40, 2019.

CHAGAS, M. S.; ABRAHÃO, A. L. Produção de cuidado em saúde centrado no trabalho vivo: existência de vida no território da morte. **Interface**, v. 21, n.63, p. 857-67, 2017.

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. S. Morte: uma visão psicossocial. **Est Psicol**, v. 11, n.2, p. 209-16, 2006.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Resolução COFEN 564/2017 do Conselho Federal de Enfermagem, de 06 de novembro de 2017 (BR).** Dispõe sobre a aprovação do novo Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Diário Oficial da União. 6 nov. 2017. Seção I: 157.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho - Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho.** São Paulo: Ed. Atlas, 1994.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2001

FLORES, V. D. C.; MOURA, E. P. G. Significados de trabalho, prazer e sofrimento no ofício de agentes funerários. **Rev Psicologia: Organização e Trabalho**, v.8, n.1, p.326-34, 2018

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. saúde pública**, v. 24, p. 17-27, 2008.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** Petrópolis: Vozes, 2019.

GOFFMAN, E. **Estigma - Notas sobre a manipulação de uma identidade deteriorada.** 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HUGHES, E. **Men and their work.** Glencoe, IL: Free Press, 1958.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte: quebrando paradigmas**. Novo Hamburgo: Sinopsys Editora, 2021.

KOVÁCS, M. J.; VAICIUNAS, N.; ALVES, E. G. R. Profissionais do serviço funerário e a questão da morte. **Psicol. cienc. prof.** 2014, v.34, n.4, p.940-54, 2014.

LANCMAN, S.; GHIRARDI, M. I. G. Pensando novas práticas em Terapia Ocupacional, Saúde e Trabalho. **Rev. Terap. Ocup. USP**, v.13, n.3, p.44-85, 2002.

MELO, A. A. Ressignificação da morte: uma reflexão sociológica sobre o filme “A Partida”. **Rev Café com Sociologia**, v.5, n.3, p.34-42, 2016

MONTEIRO, D. F. B. *et al.* Trabalho sujo com a morte: o estigma e a identidade no ofício de coveiro. **Rev Interdisc Gestão Social**, v. 6, n. 1, p. 77-98, 2017.

PETERS, L. *et al.* How death anxiety impacts nurses' caring for patients at the end of life: a review of literature. **Open Nurs. J.** v.7, p.14-21, 2013.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 24^a ed. Vozes, 2015.

SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a psicologia clínica**. Ed. da UFSC, 2011.

SILVA, A. C. **A morte e o morrer: significados e implicações no viver de servidores da UFPE: um olhar integral à luz da formação humana**. [dissertação]. Recife-PE, 2021.

SOUZA, A. C. B.; PRETTO, Z. A percepção de agentes funerários sobre morte e vida a partir de sua experiência laboral. **Cad. Psicol. Social Trabal.**, v. 24, n. 1, p. 17-31, 2021.

SOUZA, R.H.S; MANTOVANI, M.F.; LENARDT, M.H. Significado dos corpos: reflexão teórica. **Cogitare Enferm.** v.6, n.2, p.25-30, 2001.

SOUZA, K. C. C.; BOEMER, M. R. O significado do trabalho em funerárias sob a perspectiva do trabalhador. **Saúde e Sociedade**, v. 7, n. 1, p. 27-52, 1998.

TALAMONI, A. C. B. **No anfiteatro da anatomia: o cadáver e a morte**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

TEODORO, C. F. **A máscara da morte: estudo de caso sobre a construção identitária de profissionais coveiros**. [dissertação]. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021.